

Ações enfrentam analfabetismo financeiro no país

Pesquisas mostram que maioria dos brasileiros não lida com dinheiro de forma consciente e racional. Em 2020, escolas terão de incluir educação financeira na grade curricular

Ricardo Westin

A CADA 10 adultos no Brasil, 4 estão inadimplentes, de acordo com a Serasa Experian. Além de assistirem ao crescimento de suas dívidas como bola de neve (pela incidência de multa, juros e correção monetária), as pessoas com o nome sujo na praça perdem o acesso a empréstimo bancário, cheque especial e cartão de crédito.

Uma explicação para a inadimplência está na situação econômica do país, com salários baixos e desemprego alto. Mas essa não é a única causa. As contas não pagas também têm um componente individual: o analfabetismo financeiro. A expressão, que remete ao analfabetismo funcional, vem sendo usada por instituições como o Banco Mundial.

A pessoa é considerada analfabeta financeira quando não lida com o dinheiro de forma consciente e racional. Ela, por exemplo, não tem ideia de quanto gasta por mês. Compra por impulso. Faz parcelamentos ignorando o peso dos juros no preço final. Entra no cheque especial e paga apenas o valor mínimo da fatura do cartão de crédito sem perceber que em ambas as situações está contraindo empréstimo. Deixa dinheiro parado no banco e não aplica em investimentos. Por vezes, nem sequer poupa.

Especialistas dizem que, como todo tipo de ignorância, o analfabetismo financeiro se combate com educação. Por isso, em 2010, o governo criou a Estratégia Nacional de Educação Financeira, uma política pública que uniu instituições tão diferentes quanto o Banco Central, o Ministério da Educação e a Secretaria Nacional do Consumidor na execução de projetos que disseminem o conhecimento financeiro.

— A educação financeira não ensina as pessoas a ficarem ricas, mas a agirem de maneira a transformar o dinheiro que elas têm, não importa se é pouco ou muito, em fonte de bem-estar, não de problema — diz o educador financeiro Alvaro Modernell.

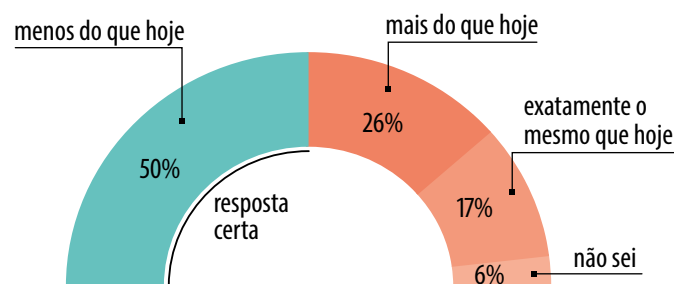
Tabu

O passo mais ambicioso da política pública será dado no ano que vem, quando todos os colégios terão que oferecer educação financeira. O tema está previsto na recém-criada Base Nacional Comum Curricular, conjunto de diretrizes que servem de norte para as escolas públicas e privadas.

A noção do brasileiro sobre finanças

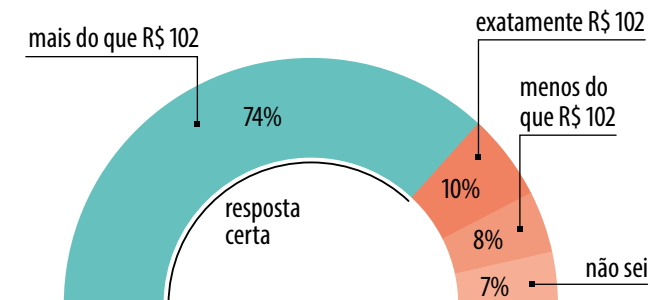
Pergunta 1

Imagine que o rendimento de seu investimento é de 1% ao ano e que a inflação é de 2% ao ano. Depois de um ano, quanto você acha que poderá comprar com o dinheiro que ficou aplicado nesse período?

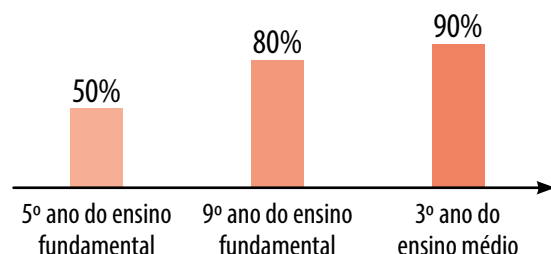


Pergunta 2

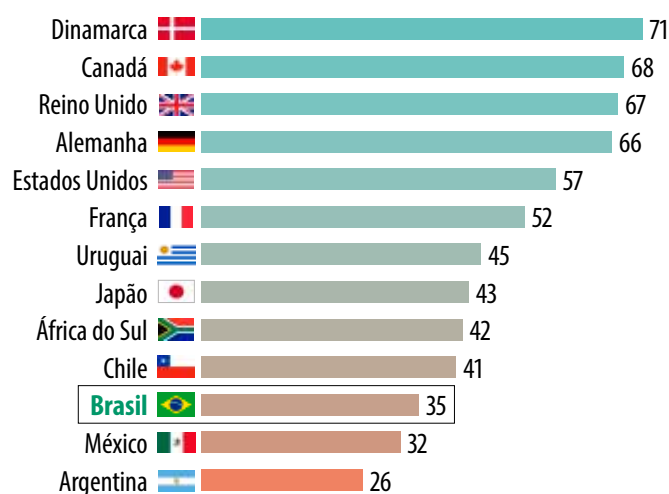
Você tem R\$ 100 em investimentos que rendem 2% ao ano. Depois de cinco anos, qual será o saldo da aplicação?



Estudantes brasileiros que terminam o ano letivo sem a aprendizagem adequada em matemática



Adultos financeiramente educados (%)



Fonte: Raio X do Investidor Brasileiro, Anbima/Datafolha (2018), Anuário Brasileiro da Educação Básica (2018) e Financial Literacy Around the World, The George Washington University (2014)

De acordo com Modernell, o ideal seria que os pais também se encarregassem da educação financeira dos filhos:

— Mas o dinheiro é tabu. Não se toca no tema com os amigos, com os filhos e, em certos casos, nem mesmo com o cônjuge. Guarda-se mais segredo sobre a vida financeira do que sobre a vida sexual. Se a pessoa vive uma situação confortável, fica com medo de que lhe assaltem ou peçam dinheiro emprestado. Se vive uma situação ruim, não quer que ninguém saiba

do seu fracasso profissional.

A educação financeira estará em todas as séries dos ensinos fundamental e médio não como disciplina extra, mas como tema a ser trabalhado de forma simultânea pelas diversas disciplinas.

Às crianças pequenas, os professores ensinarão questões mais genéricas e simples, como o valor do dinheiro, o caminho percorrido pelo alimento do campo à mesa de casa e a necessidade não desperdiçar água, comida e

energia elétrica. Questões mais específicas e complexas, como juros, impostos e modalidades de empréstimo, ficarão para os adolescentes do ensino médio.

Para os professores que têm pouca intimidade com os números, a chegada da educação financeira pode ser motivo de apreensão. A professora de economia Ruth Hofmann, da Universidade Federal do Paraná, trata de acalmá-los:

— A educação financeira não tem a ver com matemática financeira ou contabilidade, mas com mudança de comportamentos. Da mesma forma que o professor nos mostra que precisamos comer frutas e verduras e evitar frituras e doces em excesso, ele nos ensina que é importante deixar de gastar com coisas desnecessárias hoje e passar a poupar dinheiro para o amanhã, já que isso permite que realizemos nossos sonhos.

Depois que passarem por uma capacitação, os professores das disciplinas tradicionais verão que realmente não há mistério. Em história, poderão mostrar cédulas antigas de réis, cruzados e cruzeiros para explicar o que é inflação. Em física, poderão levar uma conta de luz para a aula e, com base no valor do quilowatt hora (kWh), mostrar quanto custa um banho de dez minutos.

Das 27 redes estaduais de ensino, a do Tocantins é tida como a mais adiantada na adoção da educação financeira. A professora Cláudia Rebelo, da Escola Vale do Sol, em Palmas, diz:

— Muitos jovens abandonam o ensino médio porque acham as aulas enfadonhas, teóricas demais. Quando o tema é dinheiro, ficam logo interessados, pois sabem que estão aprendendo algo que vai ter aplicação na vida deles. A educação financeira tem o poder de reduzir a evasão escolar.

Estudos confirmam que, no grosso, os brasileiros são mesmo ignorantes ao lidar com o dinheiro. Uma pesquisa recente mostrou que metade dos adultos não entende a lógica que faz uma quantia valorizar-se quando está investida e depreciar-se quando fica exposta à inflação.

Numa prova do MEC para crianças do 5º ano, uma das questões trazia a imagem de algumas poucas cédulas e moedas. Metade dos alunos foi incapaz de fazer a soma.

Para quem perdeu o controle do próprio dinheiro, a vida vira um inferno. Problemas financeiros sérios costumam levar a ansiedade, depressão, noites

em claro, queda de rendimento no trabalho, brigas familiares, divórcio e até suicídio.

O analfabetismo financeiro também tem um custo para o país. Pessoas afogadas em dívidas se veem forçadas a reduzir o consumo. A indústria, o comércio e o setor de serviços, então, vendem menos. Por causa da queda da demanda, trabalhadores dessas áreas são demitidos, engrossando o desemprego. Com a redução das vendas, menos impostos são recolhidos. O governo, assim, perde recursos que seriam aplicados em setores como saúde, educação e segurança.

CPI no Senado

O analfabetismo financeiro preocupa o Senado. No ano passado, a CPI dos Cartões de Crédito investigou os altos juros do crédito rotativo e constatou a ignorância da população. Segundo o relatório da CPI, o governo precisa exigir dos emissores de cartões que invistam parte do faturamento em educação financeira e que as lojas afixem cartazes com alerta sobre os riscos do crédito rotativo e do cheque especial.

— O cigarro e as bebidas alcoólicas trazem alertas sobre os seus malefícios. É preciso fazer o mesmo com o endividamento — afirma o senador Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE), que elaborou o relatório da CPI.

A Câmara acaba de criar uma comissão especial para estudar e votar um projeto do Senado que cria mecanismos para combater o superendividamento da população (PLS 283/2012). Entre os mecanismos previstos, está o investimento em educação financeira.

Para a gerente-executiva de Responsabilidade Corporativa da Serasa Experian, Andrea dos Santos Regina, é importante que o alvo sejam as crianças:

— Elas são excelentes multiplicadoras do conhecimento. As crianças levam para casa a educação financeira aprendida na escola e conseguem influenciar os pais e mudar os costumes da família inteira.

Saiba Mais

Estudo sobre o impacto da educação financeira na escola
<http://bit.ly/impactoEducaoFinanceira>

Pesquisa sobre os hábitos financeiros do brasileiro
<http://bit.ly/raioXdoInvestidor>

Relatório final da CPI dos Cartões de Crédito
<http://bit.ly/relatorioCPIdosCartoes>

Veja todas as edições do Especial Cidadania em www.senado.leg.br/especialcidania